

CONVITE À LIBERDADE, À FELICIDADE E À FRATERNIDADE NO LIVRO DO APOCALIPSE

“Quem têm ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”
(Ap 2,7a.17.29; 3,6.13.22)

*Silvia Togneri**

Resumo

O estudo apresentado neste artigo visa ressaltar aspectos do livro do Apocalipse que nos convidam à liberdade, à felicidade e à fraternidade. Uma tarefa não muito fácil, mas que inicialmente se tornou um desafio, e que durante seu desenvolvimento ajudou a descobrir textos elucidadores a respeito do tema abordado. A liberdade se apresenta no Apocalipse como proposta de Deus para que os seres humanos abandonem as amarras que o impedem de exercer sua vida com a dignidade com que foram criados. Por isso a necessidade de conversão exigida no livro. A felicidade encontra-se especialmente nas sete bem-aventuranças que o livro comunica. E que deve ser realidade com a nossa efetiva luta para que tal aconteça. Em relação à fraternidade, a partir de alguns textos que nos mostram Deus fraterno, misericordioso e presente junto com o povo. Deus que atua de diversos modos para que a humanidade sinta sua presença. A tenda que Deus arma junto com as pessoas é para nós o indicativo de que também deveremos estar junto com os sofredores e injustiçados.

Palavras-chave: Livro do Apocalipse. Deus. Cordeiro. Liberdade. Felicidade. Fraternidade.

Abstract

The study presented in this article aims to highlight aspects of the book of Revelation that invite us to freedom, happiness and fraternity. A task that was not very easy, but that initially became a challenge, and that during its development helped to discover elucidating texts on the subject approached. Freedom presents itself in the Apocalypse as God's proposal

* Mestre em Teologia. Professora da área bíblica, na Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC – Florianópolis, Santa Catarina.

for human beings to abandon the moorings that prevent them from exercising their lives with the dignity they were created. Hence the need for conversion required in the book. Happiness is found especially in the seven beatitudes that the book communicates. And that must be reality with our effective struggle for that to happen. In relation to the fraternity, from some texts that show us fraternal, merciful and present God together with the people. God who acts in various ways so that humanity can feel its presence. The tent that God arms with the people is for us the indication that we should also be with the suffering and wronged.

Keywords: *Book of Revelation. God. Lamb. Freedom. Happiness. Fraternity.*

Introdução

O presente artigo quer demonstrar o convite amoroso de Deus para que as pessoas tenham atenção em ouvir a sua Palavra e possam viver com liberdade e conseqüentemente construam uma sociedade fraterna. O texto escolhido para abertura: “ouvir o que o Espírito diz às Igrejas”, que está nas cartas que são escritas às sete Igrejas da Ásia Menor, contidas no livro do Apocalipse, além das bem-aventuranças que convidam à felicidade. Este estudo torna-se um desafio porque para muitas pessoas, muitos textos do livro do Apocalipse são vistos como temerários, uma vez que elas entendem a ação de Deus como violência contra todos, pelas catástrofes cósmicas que nele estão relatadas. Também porque a maioria dos estudos realizados a respeito do livro do Apocalipse destaca a ação de Deus contrária à opressão social, econômica, política, cultural e religiosa que as comunidades cristãs, especialmente da Ásia Menor, estavam sofrendo por parte da estrutura imperial romana. Segundo Casalegno: “O apocalipse é uma obra cheia de esperança, luminosa, encantadora e positiva, muito diferente do que pode imaginar a opinião popular”¹.

Pretendemos apresentar a partir de textos do livro do Apocalipse o grande convite que Deus faz para que as pessoas se convertam de suas más ações e passem a integrar o povo, que ouve a Deus e segue seus preceitos e normas. E assim se libertarem das amarras do egoísmo, do poder, da injustiça e da idolatria. Preceitos e normas os quais nos foram revelados pelos profetas e profetisas e encarnados como Palavra Viva de Deus, em Jesus de Nazaré, que nos mostrou a verdadeira face de Deus: bondade, misericórdia e amor. E assim as pessoas possam se libertar de estruturas bestiais que as aprisionam. Foi para manter o testemunho de fé em Jesus e animar as pessoas cristãs que o livro do Apocalipse foi escrito para as comunidades cristãs da época. Para Casalegno,

1. CASALEGNO, Alberto. “E o Cordeiro os vencerá” (Ap 17,14) – Leitura exegético-teológica do livro do Apocalipse. São Paulo: Edições Loyola, 2017, p. 14.

O Apocalipse representa, pois, uma compreensão das vicissitudes humanas à luz da pessoa de Jesus Cristo, vencedor da morte. Trata-se de uma interpretação do futuro, iluminada pela Páscoa de Jesus, e de uma teologia da história, que anuncia a vitória de Deus contra qualquer tipo de opressão física e ideológica imposta pelos poderosos deste mundo, restituindo aos seres humanos sua dignidade e verdadeira liberdade².

Iremos apresentar alguns textos do Apocalipse que nos indicam o convite de Deus para a liberdade, a felicidade e a fraternidade.

1. O livro do Apocalipse, contexto, objetivo

Partimos da experiência de Pablo Richard que afirma: “O Apocalipse é um livro libertador, cheio de esperança; sua utopia é histórica e política”³. O mesmo autor afirma também que: “O Apocalipse é revelação (des-ocultamento) da presença libertadora de Cristo ressuscitado na história. O Apocalipse é cólera e castigo para os opressores, porém boa-nova (Evangelho) para os excluídos e oprimidos pelo Império da Besta”⁴. Não podemos esquecer que o Apocalipse é profecia que anuncia a vitória de Deus e denuncia a opressão causada pela idolatria e injustiça. Por isso o Apocalipse “des-oculta a realidade dos pobres e legitima sua libertação. É libertador e, mais ainda, revela o céu: torna visível a dimensão oculta, transcendente e profunda da história. Apresenta sua mensagem como uma revelação direta e nova de Deus”⁵.

Com base nisso queremos ressaltar o contexto em que o livro do Apocalipse foi construído: época de perseguição do Império Romano às pessoas cristãs e imposição dos cultos às divindades imperiais. Em luta pela liberdade de profissão de fé em Cristo, o livro tem seu grande apelo de resistência e de ânimo para a libertação de culto pelas pessoas cristãs, a Deus e ao Cordeiro. Tudo isso animado pelo Espírito que é o porta-voz de Deus: “Quem têm ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”⁶. E, em um contexto como esse, as pessoas da época só poderiam entender que ação de Deus, para que a libertação acontecesse, deveria ser uma ação poderosa e com força igual e contrária a que estavam sendo ameaçados. Para Arens e Mateos, o Apocalipse: “ensina a viver a fidelidade corajosa em meio ao mundo e ao conflito, confiante na vitória de Cristo. O Apocalipse é, antes de

2. CASALEGNO, 2017, p. 15.

3. RICHARD, Pablo. *Apocalipse, reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 18.

4. RICHARD, 1999, p. 20.

5. RICHARD, 1999, p. 54-55.

6. Ap 2,7a.17.29; 3,6.13.22.

tudo, um livro de confiança, segurança e esperança”⁷. Confiança na experiência em Deus que na história do povo de Israel, Ele sempre esteve com o povo, o libertando do Egito e o acompanhando na construção de sua história; segurança na certeza da vitória de Deus, especialmente quando Cristo na cruz venceu toda morte pela sua ressurreição e esperança pela certeza da presença do Cordeiro ressuscitado junto às comunidades cristãs. Elas não se sentiam sozinhas.

Para tal o livro vai usar de visões proféticas que dão ânimo e mostram que outra realidade é possível em contraposição àquela que estavam vivendo. Isso já aparece no primeiro versículo do livro, em grego: “*Apocalypsis* de Jesus Cristo” (Ap 1,1a), ou seja, “Revelação de Jesus Cristo”. Jesus quer mostrar aos leitores e ouvintes do livro como Deus age na história, e em especial salvando a todos da opressão bestial do Império. Para Corsini, “a Revelação de Jesus Cristo pode significar duas coisas: uma revelação (de coisas secretas, misteriosas), que provém de Jesus Cristo, ou uma revelação que se refere a Jesus Cristo, que tem Jesus como objeto”⁸.

Em ambiente conflituoso da época, as comunidades cristãs necessitavam de alento e força para resistir e, por isso, segundo Mesters e Orofino, a Boa-Nova do Apocalipse é:

Deus continua sendo o Senhor da história! Ele conduz o seu povo para a vitória final. Ninguém, por mais forte que seja, consegue mudar o rumo do Plano de Deus. Os opressores do povo vão ser derrotados e condenados, todos! A ressurreição de Jesus o garante⁹.

Segundo Casalegno, ainda é preciso levar em consideração os “dois problemas que caracterizam o livro do Apocalipse: a tentação do sincretismo religioso, em razão do ambiente no qual a comunidade vive, denunciado no septenário das cartas, e o embate da Igreja com a potência totalitária romana, vivido de maneira dramática pela comunidade”¹⁰.

Outro aspecto importante que precisa ser ressaltado são alguns elementos da apocalíptica que o livro utiliza para comunicar as visões que o visionário experimenta. Para Casalegno o Apocalipse é essencialmente profecia e alerta: “O Apocalipse utiliza vários elementos literários da apocalíptica, porém não se trata de um texto propriamente apocalíptico, mas profético-sapiencial. Isso se torna

7. ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *O Apocalipse, a força da esperança* – Estudo, leitura e comentário. Tradução: Mário Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004, p. 10.

8. CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João* – Grande comentário bíblico. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 79.

9. MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João* – A teimosia da fé dos pequenos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 53.

10. CASALEGNO, 2017, p. 24.

claro quando se conhece o verdadeiro significado da apocalíptica, que evidencia a diferença entre o Apocalipse e esses textos”¹¹. Segundo Mesters e Orofino, a apocalíptica é fruto de um movimento denominado apocalíptico, que tem suas raízes no judaísmo e ela possui três características fundamentais na comunicação de sua mensagem: “Expressar tudo por meio de visões e símbolos; usar linguagem radical de oposição entre o bem e o mal e dividir a história em etapas para situar o momento presente”¹². Para que o livro possa ser melhor entendido torna-se necessário levar em consideração essas características que nos servem como chaves de leitura.

Além disso, para ampliar o entendimento do Apocalipse, segundo Rossano, é importante recolocá-lo no ambiente cultural em que nasceu, mas também pode ser uma mensagem para as comunidades cristãs de qualquer época porque “é um ensinamento claro e repetido, de uma catequese definida e compacta, que ‘revela’ Jesus Cristo e seu significado para a história passada e futura”¹³.

2. Convite à liberdade e à felicidade

A partir de alguns textos do Apocalipse queremos evidenciar o convite à liberdade que Deus nos faz. Iniciamos pelas sete cartas às Igrejas. É o Espírito que atesta o convite realizado por Deus: “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas” que está na parte final de cada uma das cartas dirigidas às Igrejas da Ásia Menor, e hoje a todos nós. Para Casalengo, a necessidade de escutar é muito destacada no Apocalipse, sendo João o primeiro ouvinte, e por isso se torna a testemunha ocular, assim para ele a visão e o ato de escutar se entrelaçam¹⁴.

Nas cartas encontramos o conhecimento total de Deus da realidade da comunidade, quando Ele afirma *conheço*. Ele quer ressaltar o que há de bom e também o que a comunidade precisa combater para ser digna de receber o prêmio destinado a todas as pessoas que se mantiverem firmes na fé. Temos uma orientação de Deus, que tem a intenção de fazer com que todos sejam livres de tudo o que possa oprimir: idolatria, injustiça, guerras, egoísmo, medo, drogas, preguiça e ganância. Mas tudo isso, somente será possível pela mudança que cada pessoa deve realizar em sua vida a partir da força que Deus lhe dá. A presença do Cordeiro ressuscitado com ela e a sua vitória sobre a morte é fundamental. É possível, assim, lutar para que a vida seja plena para e em todas as pessoas.

11. CASALEGNO, 2017, p. 26.

12. MESTERS e OROFINO, 2003, p. 53-54.

13. ROSSANO, Piero. In: CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João – Grande comentário bíblico*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, p. 6.

14. CASALEGNO, 2017, p. 52.

O convite especial de Deus, feito por Jesus, que encontramos na Carta à Laodiceia¹⁵: “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo” (Ap 3,20). Nos apresenta a liberdade que Jesus nos oferece quando ao ouvir sua voz realizarmos a ação de abrir a nossa porta para que ele entre. Não há imposição de Jesus, apenas um pedido. A sua presença junto a nós será de união com o divino. União que fortalece e liberta. Porque a refeição será plena e conjunta, pois ambos estarão comendo o mesmo alimento. Segundo Corsini, a refeição é o banquete messiânico, mas que alude também às “nupcias do cordeiro” que será tratada do capítulo 21 do Apocalipse¹⁶. Também é um convite à fraternidade, estar à mesa significa que Jesus quer repartir com a humanidade o que Ele tem para alimentar a todos. E assim, depois as pessoas são também convidadas a repartirem esse alimento com todas as demais.

Já a partir da encarnação de Jesus de Nazaré no seio da humanidade, temos a presença efetiva de Deus junto a todos nós. O convite de Deus continua sendo efetuado para todos e em todos os dias, quem o aceitar terá a alegria de realizar a refeição com o Deus de amor e de fraternidade.

Outro aviso de proposta de libertação que encontramos na Carta a Laodiceia está quando Jesus expressa o seu amor incondicional a todos os que estão sendo acorrentados por tudo o que afasta de Deus. Ele diz: “quanto a mim, repreendo e corrijo todos os que amo. Recobra, pois, o fervor e converte-te” (Ap 3,19). Segundo Casalegno, o coração de Jesus é, pois, dominado pelo amor e, por causa desse amor, repreende (*elégchein*) e educa (*paideúein*), como um excelente pedagogo¹⁷. Jesus não quer ver seus amados sendo desviados pelo pecado, pela injustiça e pela idolatria. Ele quer que vivam assim como foram criados: com liberdade, não se deixando aprisionar pelas correntes que desumanizam os filhos e filhas de Deus. Muitas vezes correntes que se tornam até desejadas por alguns, como o poder, o prestígio e a riqueza, quando obtidos de forma injusta. Desejos criados pela propaganda imperial de consumo e de vida com facilidades de tudo. Em contraponto para os que sofrem, segundo Nogueira, “o Apocalipse de João enfatiza muito mais a relação do cosmo e das estruturas celestiais inseridas no grande drama dos eventos finais, nos quais acontece a libertação do ser humano de todo sofrimento”¹⁸.

15. A Carta a Laodiceia mostra uma comunidade que não é nem quente nem fria, é morna. Ou seja, não consegue tomar uma posição. Embora ela se considerasse rica, porque havia se tornado autossuficiente com o comércio que desenvolvia.

16. CORSINI, 1984, p. 120.

17. CASALEGNO, 2017, p. 84.

18. NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 56.

Para Mesters e Orofino, havia uma situação de desalento, ou melhor, de desânimo nas comunidades cristãs da Ásia Menor, e isso se traduzia nas reações que as comunidades tinham diante da situação que enfrentavam:

Fazia cinquenta anos ou mais que elas vinham caminhando desde a sua fundação. O cansaço ia tomando conta de muitos (Ap 2,20). Havia diminuição do primeiro fervor (Ap 2,4). Algumas comunidades pareciam estar muito vivas e ativas, mas por dentro já estavam mortas (Ap 3,1). Outras vencidas pela rotina, já não eram nem frio nem quente (Ap 3,15-16). A falta de horizonte e a perseguição aumentavam o cansaço (Ap 6,20). Apesar do esforço e da boa vontade, os problemas, em vez de diminuir, aumentavam sempre mais, e o resultado obtido era tão pouco¹⁹.

Para ajudar as comunidades a superarem essa situação o livro do Apocalipse foi escrito, para mostrar a presença do Cordeiro ressuscitado no meio delas. O imolado sofre junto, mas dá vida nova às comunidades com a sua ressurreição. Na carta a Laodiceia e hoje a todos nós, Jesus continua batendo à nossa porta e pedindo que saibamos retomar o caminho livre de vida que leva à plenitude com Deus.

Nos textos denominados de setenários, ou seja, as cartas, os selos, as trombetas e nas taças, especialmente até a terceira taça, há a paciência de Deus que espera a conversão das pessoas injustas e idólatras. Deus espera que elas possam se libertar do que as amarram, tornando-as desumanizadas, porque estão dominadas pela influência imperial da injustiça e da opressão. Por isso o testemunho dos mártires se torna como um exemplo de quem não cede ao poder, à idolatria, à opressão que desumaniza o ser humano. Os mártires são os que conseguiram se libertar de tudo isso, optaram pela proposta de vida ofertada por Deus e pelo Cordeiro.

Também nos versículos finais da descrição da nova Jerusalém, encontramos a libertação de tudo o que é sombrio e tem grande carga de negatividade, quando afirma que na Cidade “nunca mais haverá maldições” nem “haverá mais noite” (Ap 22,3.5), haverá a superação de tudo o que é prejudicial à vida humana²⁰.

Outros textos que ajudaram as comunidades no Apocalipse são as bem-aventuranças, que aparecem no livro em número de sete, e que são uma oferta de felicidade para quem as cumprir. Há também nelas a liberdade de aceitar o que elas propõem ou não. Para Mazzarolo:

As bem-aventuranças, no contexto do Apocalipse, aproximam o leitor ou ouvinte daquilo que lhe é dado a conhecer e deixam a seu critério uma resposta: a pessoa que conhece ou escuta está posta diante de uma condi-

19. MESTERS e OROFINO, 2003, p. 166.

20. CASALEGNO, 2017, p. 220.

ção de autojulgamento, tendo presente sempre duas opções, de um lado a felicidade e de outro a condenação. Aquele que toma uma posição favorável ao testemunho do vidente se tornará feliz, o que se colocar contra será infeliz. As bem-aventuranças colocam na mão do ouvinte o problema e também a solução²¹.

Assim analisando a primeira bem-aventurança: “Feliz (Bem-aventurado) o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia se observarem o que nela está escrito, pois o Tempo está próximo”²². Essa bem-aventurança declara que será feliz (*makários*) que sabe reconhecer as palavras do livro, ou seja, quem sabe ler, e também aqueles que estão com seus ouvidos abertos para o que ela comunica. Porque a mensagem é urgente, o tempo de vitória de Deus está próximo. Ler e reconhecer a mensagem como Palavra de Deus é fundamental, especialmente em época em que poucas pessoas sabiam ler e também em tempo de opressão pela falta de liberdade religiosa, de perseguição que inicialmente aconteceu por parte de alguns do judaísmo, e depois do Império, que tinha maior força ainda. A felicidade virá então para quem praticar as palavras da profecia do livro. Para Arens e Mateos, “o Apocalipse caracteriza-se pela bem-aventurança e não pela maldição, porque o livro inteiro é palavra que edifica, exorta e encoraja (1Cor 14,3). As sete bem-aventuranças são uma boa síntese da mensagem do Apocalipse”²³.

Outra bem-aventurança que está em ligação direta com a primeira é a sexta: “Eis que venho em breve! Feliz aquele que observa as palavras da profecia deste livro” (Ap 22,7). O tempo anunciado em Ap 1,3, agora chegou, está muito próximo, Jesus virá em breve. A vinda de Jesus é também um dos temas fundamentais do Apocalipse. Todo o aviso e promessas dadas a partir da primeira bem-aventurança agora irão se concretizar. A felicidade consiste em praticar o que a profecia do Apocalipse comunica, porque ele vem de Deus e que a Igreja deve vivenciar²⁴.

Na sétima bem-aventurança temos: “Felizes os que lavam suas vestes para terem poder sobre a árvore da Vida e para entrarem na Cidade pelas portas” (Ap 22,14). Segundo Mazzarolo, há uma variante significativa que apresenta: “Felizes os que praticam os mandamentos”, assim há uma sinonímia entre praticar os mandamentos e lavar as vestes. Lembra que há uma referência em Ap 7,13-14, aos trajados com vestes brancas como quem passou pela tribulação, ou seja, lavaram e alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro. Assim praticar os mandamentos é como assumir o testemunho e, conseqüentemente, passar pela tribu-

21. MAZZAROLO, Isidoro. *O Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência*. 3 ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2010, p. 49-50.

22. Ap 1,3 (cf. Bíblia de Jerusalém).

23. ARENS e MATEOS, 2004, p. 156.

24. ARENS e MATEOS, 2004, p. 266.

lação. Para lavar as vestes é preciso conhecer a palavra da profecia do Apocalipse e colocá-la em prática²⁵. É importante perceber que o verbo em grego (*pluno* = lavar) indica uma ação presente. Trata-se assim dos que estão passando por sofrimento pela firmeza na fé em Deus e no seu Cordeiro, que indica um direito no futuro escatológico à árvore da Vida. Assim temos o adiantamento da escatologia futura no presente da história²⁶. Em situações quando as pessoas passaram pela perseguição, deram seu sangue ou se mantiveram firmes diante da imposição idólatra imperial, saindo delas incólumes, irão assim ter poder para usar o que a árvore da Vida oferece: frutos doze vezes ao ano. A árvore com seus frutos estará oferecendo alimentos sempre. Haverá fartura e não mais fome.

Segundo Gn 3,3, o acesso à árvore que estava no meio do jardim do Paraíso, havia sido vetado ao ser humano, mas no Apocalipse (Ap 22,14) é aberto a toda pessoa cristã que se manteve fiel a Deus e ao Cordeiro. Encontramos um contraponto com a figueira que não deu frutos em Mc 11,12-14 e Mt 21,18-19, e se a figueira se referia ao Templo ou à cidade de Jerusalém, e que Jesus disse que dela ninguém mais comeria seus frutos, agora a árvore da vida pode ser a Lei, que está inscrita no coração das pessoas e não mais as tábuas de pedra da lei antiga²⁷. Além disso a árvore da Vida que está na Cidade santa, a Jerusalém que desce do céu, tem nas suas folhas a cura para as nações. Suas folhas é que irão curar todas as demais pessoas. Irá oferecer mudança de tudo o que é mal, maléfico e injusto, e desvirtua da vida plena. Irá restaurar todos os que a ela recorrerem. Cura para a vida harmoniosa com Deus e com todas as pessoas.

Quanto à condição para entrar na Cidade pelas portas, é a de terem lavados suas vestes. É o que identifica o cidadão da Jerusalém, a nova cidade, que é a noiva do Cordeiro. É a imagem de uma sociedade justa, fiel a Deus, e, por isso, sem mácula e perfeita. Entrarão na cidade pelas portas e também irão desfrutar da alegria de pertencer a uma sociedade harmoniosa e perfeita, porque lutaram por ela com o seu testemunho. Para Kraybill, a imagem da Jerusalém Celeste que aparece no Apocalipse, além da influência de Ezequiel, é tirada de Isaías quando afirma que Deus irá criar novo céu e nova terra (Ap 21,1; cf. Is 65,17 e 66,22). Uma nova era em termos socioeconômicos. Em que as crianças não morrerão na infância e as pessoas adultas poderão viver completando sua idade. Também irão usufruir de segurança econômica, pois poderão construir suas casas e nelas habitar²⁸.

25. MAZZAROLO, 2010, p. 176.

26. RICHARD, 1999, p. 85-86.

27. MAZZAROLO, 2010, p. 176.

28. KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João*. Tradução: Barbara Theodo Lambert. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 291.

3. Convite à fraternidade

Embora todo o livro tenha sua finalidade na construção de uma sociedade justa e fraterna, como resultado da aplicação e fidelidade à profecia do livro, iremos destacar apenas alguns textos. Entre eles está no canto de louvor ao Cordeiro que pelo seu sangue realiza para Deus, e por isso é digno de abrir o livro selado: “Digno és Tu de receber o livro e de abrir seus selos, pois foste imolado e, por teu sangue, resgataste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Deles fizeste, para nosso Deus, uma Realeza de Sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra” (Ap 5,9b-10). A fraternidade fica evidenciada na consequência da ação do Cordeiro, o resgate de pessoas de todas as raças, enfim da humanidade inteira, que reinarão sobre a terra, governarão para Deus. O Cordeiro imolado de pé é uma imagem messiânica, porque o êxodo serve como pano de fundo, para o hino de Ap 5,9-10. Há o anúncio de um novo Êxodo em que a humanidade será libertada, como o povo de Deus foi liberto no Egito. É um hino novo, uma vez que proclama a redenção por meio de Cristo com sua extensão que é universal. É a fraternidade de Deus agindo e tendo como consequência um governo com característica de reino²⁹.

Reino que deve ser responsável, fiel a Deus e, por isso, fraterno. O sangue do Cordeiro é a garantia desse novo reino. Sangue também derramado pelas testemunhas do Cordeiro. A respeito da nova comunidade constituída pelo Cordeiro, segundo Richard: “é uma comunidade santa que escuta a voz de Deus, e uma comunidade libertadora dos pobres, é uma comunidade alternativa do Império. Reina sobre a terra, mas reina com seu testemunho, sua esperança, sua utopia, sua alegria e sua espiritualidade”³⁰.

Também a fraternidade de Deus quer ser um exemplo para toda a humanidade quando Ele afirma: “Eis que faço novas todas as coisas... Elas se realizaram! Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; a quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte de água viva” (Ap 21,5a-6). Somos todos convidados a realizar uma inovação na vida, a transformar situações que ameaçam a vida em paz, alegria, justiça e enfim fraternidade. É preciso aprender com Deus a dar gratuitamente o que dele recebemos. Porque Deus é a fonte da vida. Assim como Jesus prometeu à mulher samaritana lhe dar água viva (Jo 4,10.13-14), Deus oferece a todos a si mesmo, uma vez que Ele é a fonte da qual quem beber jamais voltará a ter sede. O Senhor deseja que cada pessoa tenha essa mesma ação, saber dar gratuitamente o que é fonte para vida: amor, compaixão, perdão, alegria, justiça e paz.

Outro texto que podemos explorar está em Ap 21,3-4: “Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: ‘Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e Ele, Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele enxugará

29. ARENS e MATEOS, 2004, p. 182-183.

30. RICHARD, 1999, p. 121.

toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram”. É a grande notícia que anima quem está passando por situações de dor, tristeza, aflição, perseguição, opressão e morte. A fraternidade de Deus se estende a toda humanidade, em sua tenda. Ela não é uma estrutura fixa, se movimenta acompanhando a caminhada do povo.

A tenda lembra como Deus se mostrou presente com o povo em sua caminhada pelo deserto quando saiu do Egito. É também um lugar de proteção, refúgio e abrigo do sol, do vento, da chuva e também o local quando em caminhada, as pessoas podiam se encontrar e consolidar as relações tanto familiares como comunitárias. Lugar de encontro e de construção de relações com Deus e com as demais pessoas. Em Ex 33,7-11 a tenda é denominada: Tenda da reunião, onde Deus falava a Moisés, mas o povo ficava de fora da tenda. Mas em Ap 21,3-4 o próprio Deus virá sobre cada pessoa, enfim sobre toda humanidade fiel. A habitação será conjunta, o povo não ficará mais de fora e, sim, fará parte com Deus da mesma habitação. A tenda protetora de Deus estará sobre todos e com todos. Haverá uma troca divina com a humanidade. Todos serão um com Deus porque a união se caracterizará pela fidelidade e pela fraternidade. Deus será o consolador e a fonte de vida plena. É essa ação de Deus que nos convida à fraternidade.

Que saibamos acolher a tenda de Deus que quer estar conosco. O texto é um convite para que também possamos ser tenda para os que sofrem, para os desanimados, doentes e injustiçados. Que saibamos lutar para que as pessoas possam ser libertas de situações de morte, de dor e de injustiça, assim construir lugar de abrigo, de proteção e de vida plena. Uma nova vida será construída, com o amor de Deus e do Cordeiro e com a força do Espírito Santo.

Considerações finais

Realizar este estudo foi um desafio que nos propomos e creio ter construído um caminho que ainda pode ser melhor ampliado, uma vez que o estudo de textos bíblicos não se esgota. Fazendo um mergulho nos textos que elegemos para destacar a liberdade que Deus deseja que tenhamos em nossa vida, podemos ressaltar: a necessidade de sabermos nos libertar de tudo que nos aprisiona e nos impede de uma vida livre como Deus nos criou. Esse foi o grande testemunho dado por Jesus para todos nós, no seu sacrifício na cruz, que já nos libertou. Mas é preciso continuar a lutar para que essa libertação seja querida e se torne realidade para todos, porém às vezes isso não é fácil, uma vez que, muitas vezes, somos muito mais influenciados pela propaganda que nos ata, prende e amarra a tudo que é mais fácil, ou mesmo ao individualismo, ao egoísmo e ao desejo de poder que, muitas vezes, se concretizam em ações injustas.

A felicidade querida por Deus para toda humanidade se torna mais fácil de compreender nos textos das bem-aventuranças que estão no livro do Apocalipse e são em número de sete. A cada bem-aventurança há para o fiel e justo

a recompensa feliz de Deus. Mas a felicidade maior está no amor de Deus por todos nós, quando enviou seu filho, Jesus Cristo, como ser humano, para revelar quem realmente Deus é. É o próprio Deus que se revela em Jesus Cristo, o Cordeiro imolado. Deus que é Pai amoroso e que deseja que saibamos viver em amor com nossas irmãs e irmãos. Mais ainda, a felicidade completa se dará no encontro definitivo com Deus, aberto para todos pelo Cordeiro ressuscitado.

A fraternidade temos a partir da própria ação do Cordeiro que resgata toda a humanidade para a vida definitiva com Deus. E também quando se torna desvelada a presença de Deus como Tenda com a humanidade. A proteção de Deus com sua presença no meio de nós é renovadora, consoladora, animadora e fortalecedora. Importante ressaltar que a Tenda não é fixa, ela se desloca junto com a humanidade que constrói sua história com Deus. Essa ação de Deus nos convida a sermos também presença viva junto aos que estão desanimados, aos que sofrem, aos migrantes e aos injustiçados. E isso poderá ser realizado com a fraternidade, quando estreitamos nossas relações com Deus e com as outras pessoas em vista de um mundo de justiça e paz. É o que o Espírito diz a todos nós.

Sílvia Togneri

Rua Dep. Antônio Edu Vieira 1524. FACASC.
Pantanal. CP n. 5041
88040-001 Florianópolis, SC
silviatogneri@gmail.com

Referências

- ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *O Apocalipse, a força da esperança* – Estudo, leitura e comentário. Tradução: Mário Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.
- CASALEGNO, Alberto. “*E o Cordeiro os vencerá*” (Ap 17,14) – Leitura exegético-teológica do livro do Apocalipse. São Paulo: Edições Loyola, 2017.
- CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João* – Grande comentário bíblico. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- KRAYBILL, J. Nelson. *Culto e comércio imperiais no Apocalipse de João*. Tradução: Barbara Theodo Lambert. São Paulo: Paulinas, 2004.
- MAZZAROLO, Isidoro. *O Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência*. 3 ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2010.
- MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João* – A teimosia da fé dos pequenos. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- RICHARD, Pablo. *Apocalipse, reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1999.